

Amor conjugal

O sacramento do matrimônio cristão "consolida, purifica e eleva" as características de todo o amor conjugal.

12/08/2016

“Deus que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano”[1]. Quando Deus criou o homem, criou um ser capaz de amar e de ser amado, porque Deus é Amor e fê-lo à Sua imagem e semelhança[2].

Homem e mulher foram criados um para o outro. Nota-se já a vontade do Criador de fazer destas duas pessoas seres complementares: distintos pela sua natureza sexuada, mas iguais na sua dignidade. O casamento está inscrito “na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do Criador. O casamento não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu no curso dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Essas diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. (...) Existe em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial”[3].

“Para um cristão, o matrimônio – afirmava São Josemaria – não é uma simples instituição social, e menos ainda um remédio para as fraquezas

humanas: é uma autêntica vocação sobrenatural”[4].

Amor de esposos, amor de Deus

Como afirma o Catecismo da Igreja Católica: “Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo ser humano. Pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é Amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do Criador”[5].

O homem, quando ama, realiza-se plenamente como pessoa. É o que nos recorda o Concílio Vaticano II: “o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”[6]. Todo o homem de boa vontade é capaz de o entender. O

dom de si ao outro é fonte de riqueza e de responsabilidade, assegura São João Paulo II, e Bento XVI acrescenta que é atenção ao outro e para o outro.

Mas o pecado original quebrou a comunhão harmoniosa entre o homem e a mulher. A atração mútua converteu-se em relação de domínio e de concupiscência. “A ordem da criação subsiste, apesar de gravemente perturbada. Para curar as feridas do pecado, o homem e a mulher precisam da ajuda da graça que Deus, em sua misericórdia infinita, jamais lhes recusou. Sem esta ajuda, homem e a mulher não podem chegar a realizar a união de suas vidas para a qual foram criados *no princípio*”[7].

E foi Jesus Cristo quem veio reestabelecer a ordem inicial da Criação. Pela sua Paixão e pela sua Ressurreição, fez com que o homem

e a mulher fossem capazes de se amar como Ele nos amou. Ele “dá a força e a graça para viver o casamento na nova dimensão do Reino de Deus”[8].

Duas pessoas, um só coração

Como diz o Catecismo da Igreja Católica: “O amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa: apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade. O amor conjugal dirige-se a uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, não conduz senão a um só coração e a uma só alma; ele exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade. Numa palavra, trata-se das características normais de todo amor conjugal natural, mas com um

significado novo que não só as purifica e as consolida, mas eleva-as, a ponto de torná-las a expressão dos valores propriamente cristãos”[9].

Dom e aceitação são simultâneos e recíprocos; com efeito, o dom só é realmente conjugal se passa pela aceitação do outro que, por sua vez, se dá e é recebido como cônjuge.

Cada esposo compromete-se, diante de Deus e perante o seu cônjuge, através de um ato de amor que é um ato livre da vontade. E é Deus que sela esta aliança, e nos deixa como modelo a fidelidade entre Cristo e a Igreja, que é a Sua Esposa, de maneira que “pelo sacramento do Matrimônio, os esposos se habilitam a representar esta fidelidade e a testemunhá-la”[10].

Um dos frutos e fins do matrimônio é a abertura à vida, “porque o amor conjugal tende naturalmente a ser fecundo. O filho não vem de fora

acrescentar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio âmago dessa doação mútua, da qual é fruto e realização”[11]. O filho é “o dom mais excelente do matrimônio”[12] ; acolhê-lo é “participar do poder criador e da paternidade de Deus”[13]. A união íntima e generosa dos esposos, querida por Deus, constrói e consolida o amor dos pais, “exprime e alimenta a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão”[14]. Pelo contrário, atuar contra as exigências morais próprias do amor conjugal, é contrário ao respeito devido ao cônjuge e à sua dignidade.

No contexto da fecundidade, é importante considerar a situação daqueles casais que não podem ter filhos. Eles contam com a graça necessária para difundir a riqueza do seu amor conjugal de diversas maneiras, o que encherá os esposos

de felicidade e tornará pleno o seu amor recíproco.

A força especial do sacramento

O sacramento do Matrimônio confere aos esposos cristãos, uma graça particular que lhes permite aperfeiçoar o seu amor, afiançar a sua unidade indissolúvel, de “levantar-se depois da queda, perdoar-se mutuamente, carregar o fardo uns dos outros, "submeter-se uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5,21) e amar-se com um amor sobrenatural, delicado e fecundo. Nas alegrias de seu amor e de sua vida familiar, Ele lhes dá, aqui na terra, um antegozo do festim de núpcias do Cordeiro”[15].

Neste sentido, para que perdure e alcance a sua plenitude, o amor conjugal deve cultivar-se. É exigente, diz São Paulo. Força e perseverança são necessárias para enfrentar as provas. Assim o expressava São

Josemaria: “O matrimônio é um caminho divino, grande e maravilhoso, e, como tudo o que é divino em nós, tem manifestações concretas de correspondência à graça, de generosidade, de entrega, de serviço”[16].

Devemos aprender a amar. “Amar é... não albergar senão um único pensamento, viver para a pessoa amada, não se pertencer, estar submetido venturosa e livremente, com a alma e o coração, a uma vontade alheia... e ao mesmo tempo própria”[17].

Amar necessita tempo e requer esforço. Devemos aprender a aprofundar no amor do cônjuge, procurando ter um conhecimento do ser amado cada vez mais fino, mais intenso e mais confiado. É necessário dilatar o próprio coração e o do cônjuge, procurar atenuar os seus limites com generosidade e,

sobretudo, perdoar e ser misericordioso: fazer todo o possível para viver o dom de si, ao serviço do outro.

Cristo é o nosso modelo: “o Pai me ama – afirma o Senhor – porque dou a minha vida. E assim, eu a recebo de novo. Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade”[18]. É essa a vocação para o matrimônio: dar a própria vida por quem se ama. Por isso, os esposos devem deixar-se renovar por Jesus Cristo, que atua e transforma os seus corações. A oração dos esposos é vital para que ambos permaneçam em Deus, tenham uma paz sobrenatural perante as dificuldades – que assim serão analisadas na sua justa medida –, e saibam oferecer as penas, as fraquezas, e também as alegrias.

“Os casados estão chamados a santificar o seu matrimônio e a santificar-se a si próprios nessa

união; por isso, cometeriam um grave erro se edificassem a sua conduta espiritual de costas para o lar, à margem do lar”[19].

O amor manifesta-se nas *coisas pequenas*: palavras, gestos de afeto, detalhes. “O segredo da felicidade conjugal está no cotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria escondida de chegarem ao lar; no trato afetuosos com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que toda a família colabora; no bom-humor perante as dificuldades, que é preciso enfrentar com esportivismo; é também no aproveitamento de todos os avanços que nos proporciona a civilização, para tornar a casa agradável, a vida mais simples.”[20].

Os esposos devem ser verazes e amorosos, sinceros e simples; expressar-se com inteligência, com abordagens positivas e construtivas,

sem dar importância aos pequenos ou grandes atritos que se apresentam na vida diária. Não quererão moldar o outro à medida dos seus desejos, o aceitarão tal como é, com os seus defeitos e qualidades, procurando – ao mesmo tempo – ajudá-lo com paciência e verdadeiro carinho.

Esforçar-se-ão por ser humildes, reconhecendo as suas próprias limitações para não dramatizar as do outro. Procurarão perceber a riqueza, mais do que as fraquezas do outro.

Serão, sobretudo, misericordiosos, como Cristo foi misericordioso. O rancor e o ar de zangado, *asfixiam* e limitam. As nostalgias e comparações, destroem e isolam.

No entanto, as crises são normais num casal. São o sinal de que algo deve mudar. Os esposos esforçar-se-ão por preservar a sua relação, decidir o que se deve fazer ou dizer,

para que o amor ressurja, cresça e se consolide. Porão os meios para criar um ambiente de segurança e de confiança, porque nada há pior do que “a indiferença”[21] e, sobretudo, apoiar-se-ão na ajuda divina, que não lhes faltará, pois contam com a graça específica do sacramento do Matrimônio.

Além disso, terão que proporcionar o toque positivo, a pincelada maravilhosa, imprescindível, dar-se sem medida, amar antes de atuar, entregando-se ao Senhor. Verão o outro, como caminho para a sua santificação pessoal, aprofundando a fé: a fim de amar mais e melhor.

Pascale Laugier

.....

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1604

[2] Cfr. *Gn* 1, 26-27

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1603

[4] San Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 23

[5] *Catecismo de la Iglesia Católica*, n. 1604

[6] Concilio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 24

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1608.

[8] *Catecismo da Igreja Católica* n. 1615.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1643. Remete para São João Paulo II, Exort. Ap. *Familiaris consortio*, n. 13, 22-XI-1981: AAS 74 (1982) 96.

[10] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1647.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2366.

[12] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2367.

[13] *Ibidem*

[14] Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 49

[15] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1642

[16] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 93

[17] São Josemaria, *Sulco*, n. 797

[18] *Jo* 10, 17-18

[19] São Josemaria, *É Cristo que Passa*, n. 23

[20] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 91

[21] Papa Francisco, *Mensagem para a Quaresma 2015*

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/amor-conjugal/](https://opusdei.org/pt-br/article/amor-conjugal/)
(18/02/2026)